

SÍMBOLO E LINGUAGEM EM SIGMUND FREUD

Considerações Filosóficas sobre Metalinguagem

Pe. Dr. José N. Heck

Introdução

Independente da pergunta, se ao vocábulo sím-
bolo corresponde alguma realidade, as análises daquilo
que se pretende atingir com a palavra caracterizam uma
dificuldade comum: a ordem natural das coisas não pode
simplesmente ser traduzida para um modelo societário e
também não se deixa flagrar diretamente num determina-
visor histórico. Para tanto bastaria observar as altera-
ções do conceito natureza de Rosseau e Kant. Em Freud a
questão põe-se do seguinte modo: como podem processos
inconscientes chegar à consciência, sem que com isso se
perca exatamente o que define o ser/estar inconsciente e
se corra assim o risco de mudar continuamente de assun-
to? (1)

Em termos sistemáticos o problema precisa
ser antes posto de forma hipotética: se, por exemplo, a
tradução de natureza em história fosse ter sucesso, o res-
pectivo código - na base do qual se tenha operado - te-
ria que se anular a si próprio, caso o resultado da tra-
dução fosse real e não apenas imaginável. Dito de outro
modo, na medida em que uma metalinguagem expressar o re-
al, a linguagem cotidiana tornar-se-á supérflua; no dia
em que "João" conseguir dizer a "Maria" de maneira mais
adequada o que se passa nele com a frase "tenho uma ten-
dência constitucional pra você", o sentido da declara-
ção "eu te amo" terá definitivamente perdido seu status
lingüístico nos parágrafos da semiótica.

Um dos paradigmas clássicos desta redução
verbalista é a metafísica; ela corresponde literalmente
à física aristotélica, cuja metalinguagem fora pensada
no âmbito da ciência do ser. Em consequência não há por que se

(1) Ver referências bibliográficas (1 a 15) no fim do texto.

surpreender com o fato de que historicamente tenham sido físicos os responsáveis pelo fim da metafísica e não, como se gostaria, um conchavo de inimigos metafísicos. Uma ilustração mais recente, encontramos-la em Wittgenstein; seu Tractatus logico-philosophicus postula solenemente (5.631): "O sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo". Também aqui não há propriamente contradição, se o sujeito a falar daquela realidade, acerca da qual Wittgenstein preferiu calar, não for o filósofo, mas o cidadão comum. Contra o parecer de Wittgenstein o homem não reside mais, desde Hobbes e os enciclopedistas franceses, nos extremos do mundo, mas no seu centro. Mesmo se tal falar de cidadão livre for impossível, não há como soletrar as diferenças entre mística e filosofia, se não formulando-as.

A temática que se anuncia nesta colocação inicial faz parte do exercício mental de qualquer pessoa, ao distinguir entre ciência e poesia, entre realidade e sonho, ou entre o valor de uso e um objeto meramente desejado. A disponibilidade de tal espaço conceitual pode muito bem ser anulada intelectualmente. Temos, então, a tese: o que precisa acontecer, acontece de qualquer maneira; uma sabedoria que se expressa, não sem o ressaibo duma metafísica requeitada, no conhecido aforisma: "Não existe nada de novo debaixo do sol".

Embora à primeira vista pareça paradoxal, nesse sentido o complexo analítico de um físico, o qual acredita captar infalivelmente a realidade, seria a mesma de um agricultor, que tão somente consegue compreender as mudanças de seu mundo e as contradições do real na medida em que crê fielmente que Deus faz chover, multiplica a bel-prazer os insetos e pode ser responsabilizado pelos mínimos detalhes. O paradoxo deixará porém de existir, quando for constatado que ambos têm a mesma plataforma política e, sempre que possível, votam no partido único. O símbolo da liberdade civil articula nessa chamada decisão o descompasso entre macro e microcosmo e aquilo que, por um lado, postula a diferença possibilita, por outro, o controle social. O uso sistemático de símbolos na indústria de propaganda deixa de ser assim mero acaso. Pelo contrário, o paulatino desaparecimento da linguagem, em favor de um objeto sempre mais iconizado, constitui um dos maiores recursos no ramo. O que algum

dia já quis ser estética, apenas como fetichismo pode ainda ser percebido, e o parentesco entre mito e símbolo se racionaliza com sucesso na perene teologia do mercado.

1.1 - Freud e a Linguagem

Como analista, Freud trabalhou a vida toda com palavras, i.é, o gesto do falar permaneceu para ele a necessária instância mediadora entre realidade e consciência. Comparado com uma teoria dos sinais, tal posicionamento é anacrônico. Freud localiza-se nesse sentido mais perto de Kant (2) do que de Ch. Pierce ou de Ch. Morris, para o qual, a rigor, não existe consciência, já que a convenção é critério último a estabelecer relevâncias para o emprego de qualquer símbolo. Como nenhum pensador de sua época, Freud teimou obstinadamente em manter essa diferença (3) e negou metódica e sistematicamente à consciência o direito de ser inquestionável correlação da realidade. Seu primeiro modelo psíquico (Ics-Pcs-Cs) reflete a concepção mais original da psicanálise; Freud alternou seu emprego durante mais de meio século e soube defendê-lo também de forma enfática: a consciência não representa toda a realidade da alma e do psiquismo humanos.

Num primeiro momento tal ponto de partida parece ser de todo banal. Dificilmente alguém negaria que a consciência não representa em cada momento a totalidade vivencial da pessoa, e que o sujeito não tem continuamente todo seu saber psiquicamente atualizado. Freud viu, porém, um outro conjunto de fatores, ao separar de forma tão decisiva a topográfica dinâmica da psique individual. Além disso, depois de Schopenhauer e Nietzsche, tal abordagem não teria nem chamado a atenção, não houvesse Freud amalgamado conceitualmente o inconsciente com o recalque e desenvolvido uma técnica especial de penetrar no labirinto deste inconsciente recalcado.

1.11 - Saúde/Doença e o Papel da Fantasia

Antes de comentar alguns estágios da evolução de Freud, importa destacar dois momentos essenciais em seu pensamento: a) a diferença qualitativa entre saúde/doença e b) a função específica de fantasia no compor

tamento humano.

-Com exceção dos primeiros trabalhos anatômicos, Freud tematiza o complexo saúde/doença como um fenômeno sempre já subjetivamente determinado. A característica de tal perspectiva está no fato de que se rejeita, de saída, a antinomia objetivo/subjetivo como critério de análise terapêutica. Em outras palavras, um modelo teórico, o qual procurasse apreender o real na base antitética mencionada, é para Freud imprestável, caso não se queira mentalizar um dos termos da equação. Isso pode ser comentado da seguinte maneira: Quando vou ao médico por causa de uma úlcera não estou, a rigor, interessado no funcionamento de meu estômago; tal interesse poderia muito bem ser satisfeito com um adequado livro de medicina. Possíveis informações a cerca do mecanismo biologicamente determinado me interessam, nesse caso, porém tão somente na medida em que se trata de minha doença; isto significa que na percepção objetiva daquilo que se constitui como realidade para mim, o chamado componente subjetivo está, desde o início, presente na constatação da enfermidade. De maneira completamente diferente, se alguém se ocupa com uma dissertação científica sobre úlceras estomacais. Aqui a ocorrência biológica possui não só relevância metódica inquestionável, mas o fator subjetivo e tudo o que o possa caracterizar deverão ser eliminados da análise. Assim, por exemplo, tanto a pesquisa quanto a produção farmacêuticas orientam-se em critérios mensuráveis de laboratório, o que, por sua vez, toma exclusivamente a funcionalidade orgânica em consideração e subestima, em princípio, toda escala de diferenciações psicológicas.

-O enfoque freudiano ortodoxo pode ser visto como exercício sistemático de detectar as raízes da fantasia e por uma peculiar obstinação terapêutica de identificar psiquicamente as consequências do fantasiado. Freud iria predicar de científico o enunciado segundo o qual dores fantasiadas também são dores. Em outros termos, a dor experimentada é sempre real, também quando a conexão entre o existencialmente vivido e o substrato biológico resistir a uma explicação satisfatória. Nesse sentido os sintomas têm para a psicanálise um status conceitual parecido ao do símbolo na lingüística, i.é. algo que representa sem que o representado seja propriamente

a causa daquilo que representa. Se no mundo da matemática sinais ou símbolos podem representar meras operações mentais, em psicanálise a fantasia é, sob determinado ponto de vista, o símbolo originário da espécie.(4)

O decisivo nesta constelação de fatores não são, contudo, símbolos culturalmente institucionalizados, em base dos quais se pudesse ter uma definição de saúde/doença, mas antes a análise em sentido inverso: a partir do que, em cada caso, possa ser sadio ou doente, Freud procura chegar a uma compreensão mais adequada do que seja sintoma ou símbolo.

1.12 - A Superposição Conceitual de Objetivo/Subjetivo

A psicanálise quis, desde o início, ser medicina (5). Freud não subordina, porém, a atividade clínica em sua funcionalidade preventiva, diagnóstica ou cirúrgica a sua própria concepção terapêutica. Ele não negaria, conseqüentemente, o fato de que, a rigor, o diagnóstico do câncer nada tem a ver com a eventual sensação de bem-estar dum paciente. Neste sentido, o estado clínico chamado saúde contrapõe-se inequivocadamente ao complexo psíquico dum saúde meramente imaginada. Com base nessas considerações o status conceitual da fantasia corresponde unicamente, e em cada caso, à dimensão subjetiva dum paciente e é irrelevante para o que objetivamente constitui a realidade da doença. Em outras palavras, sentir-se sadio como um jovem deus não exclui o fato de já ser canceroso. Embora neste e noutros casos a psicanálise seja propriamente inútil, isso não significa ainda que Freud tenha tão-somente embaralhado diferentes métodos de análise, e sua teoria oblitere arbitrariamente distinções já de todo consagradas. A razão seja talvez a seguinte:

-O porquê do qualificativo "doente" na descrição dum carcinoma de maneira alguma pode ser deduzido da objetividade de sua existência. Caso fosse, todos os processos orgânicos poderiam ser considerados doentes. O contrário é obviamente mais razoável. Num estudo objetivo de células malignas, o postulado da máxima objetividade desconhece por completo a variável qualificativa; o desenvolvimento metastático é perfeitamente a

nalizável, sem que quaisquer conceitos de saúde/doença façam parte da observação analítica. Sob este aspecto a medicina continua, em todos os sentidos, dependente da proveta. Concluir, com base nessa dependência, pela pouca validade científica da psicanálise seria, contudo, demasiadamente apressado. Uma objeção contra o posicionamento terapêutico freudiano teria consistência apenas, caso o fator subjetivo pudesse ser, tanto na origem quanto na evolução da doença, totalmente eliminado. Isso não é, porém, defensável em medicina.

A única possibilidade de anular qualquer interferência subjetivo-doentia na avaliação dum tecido orgânico apresenta-se na alternativa aristotélica. Ela implica em predicar a todo organismo vivo um determinado fim (bios teleios), cuja atualização é, em última análise, o que entendemos por saúde. Mas tal solução do problema põe mais perguntas do que, de fato, responde. Assim o câncer, como aliás toda doença, desenvolve-se teleologicamente; isso revela a ambigüidade conceitual de qualquer linearidade metafísico-aristotélica. Dito de outro modo, Deus só é o fim último dos processos naturais na medida em que esses estão intrinsecamente determinados pela morte. Essa é a razão por que o sentido da vida só pode ser, em relação a seu próprio futuro, simbolicamente tematizado. O animal tem uma estrutura teleológica altamente especializada, emite sinais, informa, é informado e, num sentido específico, se comunica continuamente; mas o fato de não lidar com símbolos e desconhecer, assim, qualquer escala simbólica o impede de possuir uma outra vida. Neste sentido os símbolos não menos flagram o germen da cultura quanto anunciam o seu crepúsculo; somente neles é possível articular um sentido para a história. Nos símbolos mantêm-se, por assim dizer, a tensão originária da cultura, i.é., o fato de os homens saberem que nascem, crescem e morrem não altera a teleologia, mas apenas a qualidade desse finalismo cósmico-vital. Em outras palavras, a ordem natural das coisas ou descobre um Deus ou confirma na morte o infalível destino de todo ser vivo.

Desde o início a filosofia oscila entre os termos desta antinomia estrutural. Platão, por exemplo, diz que aqueles seriamente ocupados com filosofia parecem não fazer outra coisa do que morrer e estarem mor-

tos, sem, todavia, que os outros o observem (Phaid.68a). No caso de Sócrates, os outros o perceberam: ele não acreditava nos deuses da cidade e favorecia, pelo seu modo de falar, a subversão e a decadência da polis; assim, em todo caso, reza o texto oficial de sua condenação. Em Freud a filosofia se biologiza, sem, contudo, perder a tensão que em Platão ainda a caracterizou. Sua última teoria dos instintos volta a acentuar a oposição irreconciliável entre vida e morte. Freud teve a perspicácia de não psicologizar (inteligência/vontade) nem de sociologizar (indivíduo/sociedade) o conflito, mas de o localizar na própria raiz instintiva da alma. Que tal compreensão de homem se revele, depois de tudo, simbólico mítica não constitui descoberta de algum descendente psicanaliticamente esclarecido, mas é a convicção do próprio pai da psicanálise. (6)

1.2 - Símbolo e Realidade

O que faz de Freud um pensador é a peculiar maneira como ele resiste à matematização das contradições existenciais sem procurar jamais descobrir o denominador comum para as forças psiquicamente opostas. É propriamente impossível identificar nele alguma tendência conceitual, a qual viesse a unidimensionalizar o dinamismo da alma humana. Antes pelo contrário: ele modifica constantemente seus modelos teóricos, recorre às hipóteses mais sofisticadas para permanecer próximo daquilo que, em seu entender, devia ser a realidade. Assim encontramos em seus escritos no mínimo três teorias do instinto - princípio do prazer (instinto sexual) / realidade (instinto de conservação); libido objetal (neurose comum) / libido do ego (narcisismo) e instinto de vida (espécie) / morte (indivíduo) - dois modelos sistemáticos do aparelho psíquico (Ics - Pcs - Cs; Id, Ego, Superego) e o reconhecimento de que muitas vezes se enganara em suas formulações interpretativas. Tal disposição do cientista em "mudar de idéia" correlaciona-se estranhamente com a conhecida intolerância de Freud contra todas as formas de pensamento as quais gostam de cortejar soluções definitivas. Para crentes, o ateu - um epígono reacinarário da belle époque - que vienense no marxismo - Freud caracteriza-se, na verdade, por uma inveterada desconfiança para com todos aque-

les que identificam o mundo numa de suas equações. Em consequência, as suas teorias instintivas formulam-se sempre de forma dualista, ainda que Freud lembre não haver nunca abandonado o parterre da cultura; destilar a grande síntese do espírito não foi certamente o seu negócio. Por isso mesmo surpreende que Freud informe sem qual quer rodeio serem "seus" instintos nada mais do que entidades míticas e sua amadurecida teoria uma espécie de mitologia (7). Talvez ninguém tenha melhor do que Adorno resumido o paradoxo: "Freud teve razão, lá onde (aparentemente) não a teve" (G.W., Bd. VIII, S. 35).

Considerando-se que os grandes textos de crítica cultural pertençam aos últimos anos de sua vida e vem todos a marca registrada da luta vida/morte, o posicionamento de Freud frente aos conflitos sociais chama particularmente a atenção. Essa perspectiva será comentada em dois momentos distintos.

1.21 - O Simbólico e o Trabalho Criativo

Platão defendeu a tese, segundo a qual o justo morre na cruz enquanto o injusto continua sentado no trono (Politeia 262a). É difícil questionar essa "idéia" a partir da experiência. Kant, por sua vez, estava convencido de que a afirmação "o homem é livre" não podia jamais ser constatada pela razão teórica; quem quiser ter a ilusão da liberdade, aja de acordo com a idéia, i.é, tenha a sua experiência. Em nosso contexto isto significa: justiça, liberdade e saúde (8) são, em última análise, símbolos cuja demonstração racional não pode nunca ser concluída porque o resultado já antecede, como idéia, projeto ou utopia, a forma de seu raciocínio.

Essa maneira de pôr a questão de linguagem / símbolo possui implicações eminentemente práticas; somente em base simbólica e pela articulação pragmático-semântica do símbolo os homens podem conferir o quanto a respectiva realidade é injusta, limitada e doente. Sem qualquer referência interpretativa na recepção do real, só haveria a observação daquilo que é porque não pode deixar de ser. Que as coisas, contudo, podem ser diferentes do que (a) parecem (ser) já se mostra no trabalho do técnico, ou no esboço dum desenhista industrial. Ambos operam com uma realidade que ainda não é, e aquilo que resiste

ao desiderato da concretização será, em cada caso, confiado à propaganda. Essa, por sua vez, envolve a mercadoria com tal aura nostálgico-apelativa que o consumidor e seu analista social realmente estão convencidos de que os meios de produção satisfazem hoje novamente necessidades reais.

O que faria o poeta, se a realidade só pudesse ser flagrada inequivocamente numa metalinguagem? Certamente continuaria a fazer o que sempre fez: trabalhar o verbo de tal maneira que a consistência do que se apresenta pudesse, apesar de tudo, ser entendida também naquilo que não é. Nesse sentido um texto de M. Proust, F.M. Dostoiévski ou de Machado de Assis nos permite saber mais sobre a tristeza, o luto e a finitude do realmente vivido do que o melhor tratado psicológico nos pode ensinar acerca do real. Freud diria que não se pode aprender o que é doença sem que o aprendizado nos faça igualmente mais sadios. Nisto consiste a pointe terapêutica da psicanálise. O paciente não confia cegamente na habilidade do cirurgião e não ingere sempre mais comprimidos pelo afê da manhã, mas é provocado a trabalhar sistematicamente em sua própria saúde/doença. Em outras palavras: liberdade, saúde e o belo, o mundo tão somente põe-se em movimento quando se consegue romper com o esquema explicativo, o qual sempre já sabe por que as coisas são as - sim como são e não podem deixar de ser o que são. No momento em que não mais houver esta alternativa para o real, i.é, a de ser diferente do que é, e o trabalho esgotar-se na ativação monótona do existente, o simbólico se afirmará na mera destruição; esta revelar-se-á, então, como criação ex nihilo. Para tanto basta conferir a linguagem dum psicótico ou aquele, por exemplo, de qualquer regime totalitário.

1.22 - A Linguagem e o Conflito Psíquico - Social

Na medida em que Ch. Darwin demonstrou que os mais fortes sobrevivem necessariamente à custa dos fracos, ele emprestou valor metalingüístico à experiência do dia-a-dia. Independente das nuances neodarwinistas, o critério evolutivo ortodoxo é imediatamente compreensível. Além de espelhar com fidelidade ímpar a práxis coti-

diana, a explicação darwinista é coerente e, em seu todo histórico-racional, eminentemente estética: os mais fortes são também os mais apreciados. Dito de outro modo, a simetria conceitual se articula em Darwin com tanto sucesso e o darwinismo é, no seu conjunto, harmoniosamente tão ingênuo que a teoria não necessita de comentário ou justificação, i.é, ela simplesmente agrada. apesar disto, sempre houve e possivelmente nunca faltarão fracos, os quais não podem ou não querem entender por que o desejo de poder de alguns insaciáveis faz parte da essência das coisas e constitui imperativo inelutável da própria natureza, rumo à sua plenitude metafísico-finalista.

O ponto frágil da teoria é de ordem filosófica. Ao considerar o passado, tem-se obviamente certeza sobre quem, em nome da natureza, é quem; da mesma forma é possível prognosticar com bastante segurança que Deus combaterá no futuro ao lado dos batalhões mais fortes. Mas, como sempre, só existe o presente e ninguém está totalmente seguro de seu privilégio (de ser mais forte); em consequência cada um procura vigorosamente auxiliar a natureza em sua intenção de legitimar seus fortes. No filme "O Chefão" o velho Corleone confia ao filho: "Não deixe nunca seu inimigo desconfiar quão forte você realmente é". O boss da máfia de New York era certamente mais especializado em Darwin do qualquer um de nós; mesmo assim ele parece saber que, enquanto a astúcia da razão-natureza (Hegel) não se tiver revelado e o "mais forte" (Platão) precisar negociar com os fracos para impedir uma aliança contra si, a necessidade de se impor deverá ser reprimida (Freud); pois, pode-se muito bem perder também uma guerra.

Freud foi darwinista à sua maneira (9). Seu mérito intelectual consiste, porém, no fato de haver procurado identificar o conflito forte/fraco a partir do (melhor no) indivíduo. Freud alocou, por assim dizer, a luta da natureza para dentro da psique individual; ele o fez de forma tão radical que chegou à conclusão de que o homem não só procura destruir/matar mas aspira ser destruído/morto. De acordo com sua derradeira teoria dos instintos cada homem deseja sua própria morte, mais do que isso: tendemos psiquicamente a morrer. Esta é a quinta essência de seu biologismo e, como tal, irrefutável. Que sua percepção conclusiva possa ser desqualificada como

especulação, essa idéia não é original; o próprio Freud pensou assim. Da mesma forma o argumento da idade avançada, seu excessivo consumo de cigarros, o carcinoma na gengiva e no queixo, trinta operações em dezesseis anos, tudo isso não permite comentar a tese freudiana sobre a morte como detalhe particular de sua biografia ou como mera idiosincrasia duma personalidade pessimista.

Muito antes de chegar à sua definitiva concepção sobre a vida instintiva, o terapeuta Freud viu-se confrontado com uma série de fenômenos cuja relevância psíquica lhe chamou sempre mais a atenção. Assim, por exemplo, o que leva um homem à autopunição masoquista, ao prazer sádico de ver outros sofrerem? Ou qual é a sabedoria do mundo capaz de convencer alguém de seu narcisismo, se a pessoa em sua consciência entende haver sido destinada a salvaguardar a moral de sua geração e se sentir responsável pela manutenção de seu law and order em seu grupo social? Ou ainda: através de que filigranas eróticas torna-se possível para um indivíduo não apenas subjugar uma massa, mas conseguir além disso que essa goze libidinosamente sua própria destruição? O fato de a razão não se ocupar normalmente com essa espécie de esgotamento humano ou, como diria Hegel, desejar permanecer infensa ao trabalho do negativo é por demais compreensível. Talvez seja esse o motivo por que a inteligência se torna necessariamente edificante, quando apenas deseja ser estética.

Segundo Freud, a razão terá de mudar ela mesma, caso algum dia quiser não se ocupar tão somente com o encanto de sua evolução (progresso) mas for obrigada a se reconhecer na própria decadência, i.é, no seu eclipse. Esta foi, em todo caso, a fundamental objeção de Freud contra a filosofia. Em outros termos: o trabalho analítico com a psique humana convenceu Freud de que nossa tradição cultural se crispa instintivamente contra a possibilidade de pensar amor/ódio, prazer/agressão, santidade/egocentrismo como alternativas psíquicas comuns. A literatura manteve através dos séculos a lembrança de tal parentesco fenomênico, razão por que uma linguagem metafórica estará sempre mais próxima do homem do que a destilação verbalista da mais apurada metalíngua. Freud não reinterpreta, por sua vez, estas antinomias conceituais como sendo aquelas entre alma/corpo, ou entre espí

rito/matéria, ou entre indivíduo/sociedade, mas muito simplesmente as formula como conflito instintivo por excelência. Neste sentido ele continua mais ou menos isolado na galeria dos grandes pensadores.

2.1 - Linguagem e Realidade Psíquica / Material

A psicanálise teve origem na transgressão do bom-senso e do método científico que lhe corresponde. Des de 1893 até o verão de 97 Freud acreditava que histeria, paranóia e a neurose tivessem suas raízes num pavor sexual (10); logo mais, porém, se corrigiu(11). O aprendizado com este erro constitui até hoje o fundamento da psicanálise e, sob certo aspecto, o da psicologia analítico-profunda de C.G. Jung. Sobretudo mulheres relatavam ao analista como haviam sido tentadas sexualmente em sua infância e o quanto este fato as traumatizara; Freud não apenas levou tais informações a sério, mas elaborou, a partir dos dados analíticos, um especial conjunto de explicações teóricas: a teoria da sedução precoce. O quanto Freud realmente estava convencido desta teoria mostra-se numa de suas afirmações da época: "In every case the father, not excluding my own (...), had to be blamed as a pervert" (Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, vol. I, The Hogarth Press, London, 1952-74, p.259). Observações mais acuradas e, sobretudo, sua auto-análise fizeram, porém, que o analista desconfiasse da story e pusesse em dúvida a existência de sedutores na primeira infância de seus pacientes (12).

Em vez de operar cientificamente, revidar como falsas as afirmações e procurar a causa real da doença num outro fenômeno, Freud estatui: a) fantasia histerica, paranóica e neurótica, na medida em que forem vividas, possuem status de realidade; b) esta realidade é tão consistente como um bloco de pedra, o qual se vê, se toca e não se consegue deslocar. Dito de outro modo: com base nas comunicações verbais dos pacientes Freud conclui que as pessoas psiquicamente doentes desenvolvem uma particular atividade sexual; observação banal, caso com ela o desejo não tivesse sido definido como o último móvel da alma humana.

A primeira vista tal acesso ao psíquico é de todo arbitrário. Na verdade essa valorização metódica da doença em dimensão negativa permite à psicanálise reivindicar foros de cidadania terapêutico/profissional e não apenas se satisfazer com um ramo da medicina acadêmica. Freud argumenta aqui do seguinte modo: se as cenas de sedução forem, como parte essencial duma minuciosa diagnose, meros produtos de reconstruções fantasiosas, então não é só plausível mas até necessário concluir que a experiência psíquica e seu imaneente desejo possuem realidade própria: Como no caso de um sintoma, o qual, mesmo depois de longo tratamento, permaneça inalterado, a teoria terá que dar, segundo Freud, atenção a específica estrutura duma realidade, cuja resistência lhe advém exatamente do fato de ser fantasiada. Esta realidade é o objeto de análise para Freud. Em consequência ele não apenas contrariou as pretensões duma moral meramente normativa (Kant) mas possibilitou também uma alternativa analítica para o positivismo científico do Círculo de Viena (13), para o qual a fantasia não tem per definitio nem caráter de objetividade.

Por essa e outras razões, a psicanálise não testa uma teoria pronta, ou um modelo particular com os respectivos pacientes; antes pelo contrário, ela os confronta com a realidade do ser/estar doente ou sadio. Para tanto é inclusive irrelevante ler os textos de Freud; o saber psicanalítico só pode ser conferido ao se entrar em situação terapêutica, i.é, na medida em que for praticado. Práxis significa para Freud nada mais e nada menos do que um especial exercício da linguagem: aprender e dizer-se a si próprio.

2.11 - Fantasia, Arquétipos e Esquema Filogenético

Na avaliação da realidade psíquica, a psicanálise conheceu sua primeira crise. Depois do congresso de Munique (setembro/1913), Jung rompe definitivamente com Freud. Embora o motivo imediato tenha sido a concepção freudiana da libido, o latente se decidiu nas diferentes interpretações daquilo que Freud preceituava como sendo a realidade psíquica. Jung clinicava com psicóticos em estado grave (borderline-standard); chamava-lhe atenção

o fato de que as alucinações de seus doentes giravam em torno de um núcleo mais ou menos invariável de símbolos Jung chamou-os de arquétipos e concluiu pela existência de um inconsciente coletivo, algo assim como um subterrâneo comum da espécie. Isto significava, porém, que ao lado do inconsciente recalcado/individual houvesse mais uma esfera inconsciente, a qual, independente do processo do recalcar, fosse a região predileta de qualquer articulação simbólica.

Freud lançou mão dos mais diferentes argumentos para evitar que sua concepção de realidade psíquica pudesse desembocar neste tipo de misticismo universal. Em seu entender, Jung generalizava de modo tão unilateral a tese sobre a realidade da fantasia que qualquer distinção entre a hipersensibilidade doentia e a criatividade artística se tornaria analiticamente impossível. O símbolo se transformou em Jung, de fato, num predicado universal do ser-homem, numa espécie de qualificativo originário para mundividências místicas de estilo oriental. A escala diferencial entre sintoma e símbolo se diluiu com o passar do tempo; ela propriamente inexiste nos escritos tardios do mestre suíço. Freud, em contraposição, tornou em ser terapeuta. Para tanto ocupou-se sistematicamente com a formulação de uma metapsicologia para o psiquismo individual. Seus grandes escritos da primavera de 1915 são, neste sentido, uma resposta direta à interpretação de Jung. Freud manteve sua posição inicial, i.é, o fantasiar possui raízes analisáveis; sua teoria cristalizou-se sempre mais em torno do Complexo de Édipo; embora universal, esse complexo é, para Freud, uma experiência fatural e jamais pode ser deduzido da natureza do ser humano. Jung não concordou com tal tese; talvez porque não sendo o primogênito de uma jovem mulher (como Freud), fosse-lhe impossível admitir que algum dia estivera enamorado pela mãe e conseqüentemente ciumento do pai.

Independente deste fato, o homem fantasia, de acordo com Jung, por natureza. Para Freud, em contrário, o fantasiar revela precisamente que não existe, a rigor, uma natureza humana; a ordem e o ritmo naturais ficam abalados com o desaparecimento do Complexo de Édipo na soleira da latência infantil. Para comprovar esta sua concepção, Freud competiu paradoxalmente com reconstruções escolásticas e procurou identificar ab ovo o nascimento

da história; assim, por exemplo, ele assegura que as profantasias da criança correspondem ao assassinato de um pai primordial, um fato que cada filho do homem, segundo Freud, vivencia ontogeneticamente: odeia seu pai porque deseja exclusivamente a mãe para si (14). Jung nunca se ocupou com tal tipo de fundamentação filogenética; para ele os complexos psíquicos não conheciam outra esfera, que já não fosse a dos símbolos constitutivos da natureza humana; esses são tão próprios do homem e indistinguíveis como a faculdade do pensar e do fazer poesia. Deste modo o processo terapêutico em Jung consiste mais numa reconciliação consigo mesmo do que no exercício analítico de formular a própria escala topográfica da alma humana.

2.2 - Figuras e a Constituição do Aparelho Psíquico

Pode-se dizer que Freud analisou símbolos para, de um ou outro modo, entendê-los e, num sentido bem específico, os conseguir explicar; razão porque o poético, o artístico e a lha permaneceram mais ou menos fenômenos estranhos. Jung ocupou-se com o símbolo para, por assim dizer, ter convivência com ele.

Com o passar dos anos a convicção de que o indivíduo está subordinado a um jogo de forças toma sempre mais forma nos escritos de Freud; paralelo a esta tese, ele desenvolve o argumento de que o dualismo visceral do psiquismo humano só pode ser adequadamente formulado, se a realidade for compreendida em sua dimensão mítica. Jung parte de representações mítico-universais e conclui que por um longo processo de individualização o homem chegará à essência de si mesmo, numa espécie de repouso definitivo; seus discípulos chamaram tal estado o da sabedoria (*). Freud, pelo contrário, esforçou-se até o fim em provar que o amadurecimento humano consiste exatamente nisto: saber que tal

(*) " O fim natural da vida não é a senilidade, mas sim, a sabedoria". Esta frase encontra-se nos textos de seus discípulos; ela, porém, não se acha nos escritos do mestre (Jung).

repouso é impossível; para ele a reconciliação de estilo arquétipo/individuação não passa de uma manobra peculiar da consciência.

Os arquétipos junguianos são três: anima/animus (alma), velho/magna mater (espírito) e o eu (das Selbst/self). No homem o arquétipo Alma tem a figura duma mulher ideal, a anima; na mulher, a figura idealizada do homem, o animus; O poder da anima sobre o homem se revela na dificuldade em lidar com as mulheres reais de sua vida; a anima se personifica nos sonhos e na mitologia; a poesia encontra nela, segundo Jung, uma de suas perenes fontes de inspiração. O animus é para Jung uma figura mais opaca; ele chama atenção para o fato de que na vida a morosa duma mulher podem conviver lado a lado caracteres os mais contrastantes: O pai, o playboy, o padre/pastor e o criminoso. O arquétipo Espírito mostra-se nos momentos de crise; ele assume a forma do vento, de animais e divindades de toda ordem; é a figura do velho, do médico e do monge, personagens compreensivos, os quais aparecem sempre que a situação for particularmente crítica. Há também os espíritos maus das estórias de criança, mas quando eles entram em cena são imediatamente eliminados pela presença da magna mater, da deusa absolutamente soberana em sua feminilidade, i.é., a virgem silenciosa fica com a última palavra.

O Eu (das Selbst-self) é o arquétipo decisivo no processo da individuação. Ele encarna a reconciliação dos desejos inconscientes com o projeto consciente da pessoa; com este arquétipo Jung não apenas representa a momentânea sensação de bem-estar mas o sentimento de ser bem-aventurado; é o que a tradição religiosa chama de céu, e os místicos afirmam ser a experiência daquela interioridade a qual se é a si mesma transparente. O Selbst/self de Jung não possui, porém, correlato no pensamento filosófico ocidental; identificá-lo, por exemplo, com a consciência sartriana seria mera arbitrariedade. O pour-soi de Sartre não se reconcilia jamais com o en-soi; e tal negação, i.é., a de não ser um en-soi, é anterior ao processo da nadiificação do próprio pour-soi, razão porque o nada existencial não conhecerá nunca o seu nirvana. Para Jung, pelo contrário, o homem sábio vive com os seus arquétipos na mesma casa; ele convive, por assim dizer, amigavelmente com aquelas forças que o fazem viver.

Freud, por sua vez, desconhece por completo tal variável. Sua concepção das três instâncias topográficas do aparelho psíquico (Id, Ego, Superego) implica no reconhecimento de que as forças determinantes no psiquismo humano se comunicam biodinamicamente, mas na verdade permanecem, em sua estrutura específica estranhas umas às outras, a reconciliação do homem consigo mesmo pode ser, em consequência, tão-somente desejada. As razões últimas desta ideia genuinamente freudiana estão na raiz da ortodoxa concepção da psique, cujo caráter estrutural impede qualquer forma de racionalização abstrato-espiritualista. Tal postura faz paradoxalmente de Freud um pensador (15); em contraposição a Jung, que sempre mais se identificou com o papel consolador da medicina. Freud introduz sua obra *Die Traumdeutung* (1900 a) com um verso de Virgílio: "Flectere si nequeo superos, acheronta movebo" (se também não sou capaz de comover o céu, irei pelo menos pôr o inferno em movimento); Jung poderia ser caracterizado por um outro verso (de Virgílio): "Carmina vel coelo posunt deducere lunam" (palavras encantadoras podem tornar a lua acessível). Quanto a Freud, seu paradoxo talvez seja semelhante ao de Platão: além de serem os únicos a desenvolverem uma sistemática teoria tríplice da alma, a pergunta se Platão foi um filósofo ou "apenas" um poeta não recebeu ainda uma resposta definitiva.

CONCLUSÃO

Assim como há um absolutismo de objeto, a linguagem pode também esclerosar num mero fetichismo verbal; a psicanálise corre tal risco, sobretudo quando se para metapsicologia e situação terapêutica. Além disto pode ser considerado como seu handicap o fato de pintura, desenho e música não terem lugar relevante em sua formulação da realidade humana. O papel preponderante da regressão, como fio analítico condutor, deixa a psicanálise impotente diante de categorias como futuro, projeto ou liberdade.

Enquanto, porém, nós não falarmos álgebra no cotidiano, o simples interesse psicanalítico pela linguagem, por seu sentido e malentendidos, por sua polivalência e esquecimento, faz de Freud um dos itinerários mais fecundos do pensamento ocidental. Se, apesar de tudo, a

psicanálise tivesse algum dia a ilusão de reconciliar o homem consigo mesmo, o biologismo de Freud deveria lembrar-se daquela convicção iluminista, a qual, na verdade, o procedeu: "(...) O homem quer paz e sossego; mas a natureza sabe melhor o que é bom para (sua) espécie: ela quer conflito" (KANT, I.: Akademisausgabe, Bd.VIII, S. 302).

Referências Bibliográficas

(1)"Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto em exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas. Não temos esperança de poder atingir esse estado em si mesmo, visto ser evidente que tudo de novo que inferimos deva, não obstante, ser traduzido de volta para a linguagem das nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos (...) A realidade sempre permanecerá sendo 'incognoscível' (...). Dessa maneira inferimos um certo número de processos que são em si mesmo 'incognoscíveis' e os interpolamos naqueles que são conscientes para nós. E se, por exemplo, dizemos 'Neste ponto interveio uma lembrança inconsciente' o que queremos dizer é: 'Neste ponto ocorreu algo que nós achamos ser totalmente incapaz de formar uma concepção, mas que, se houvesse penetrado em nossa consciência, só poderia ter sido descrito de tal e qual maneira' ". FREUD, S.: Abriss der Psychoanalyse (1940 a), G.W. Bd.XVII, S. 126-7; Ed. Standard Brasileira, Vol. XXIII, p.225.

(2)"Assim como Kant nos advertiu para não desprezarmos o fato de que as nossas percepções estão subjetivamente condicionadas, não devendo ser consideradas como idênticas ao que, embora incognoscível, é percebido, assim também a psicanálise nos adverte para não estabelecermos uma equivalência entre as percepções adquiridas por meio da

consciência e os processos mentais inconscientes, os quais constituem seu objeto. Assim como o físico, o psíquico, na realidade, não é necessariamente o que nos parece ser". FREUD, S.: "Das Unbewusste" (1915 a), G.W., Bd. S.270; Ed. Standard Brasileira, vol.XIV, p.197.

(3)"O ponto de partida dessa investigação é um fato sem paralelo, que desafia toda explicação ou descrição - o fato da consciência. Não obstante, quando se fala de consciência, sabemos imediatamente e pela experiência mais pessoal, o que se quer dizer com isso". FREUD, S.: Abriss der Psychoanalyse (1940 a), G.W., Bd.XVII, S.79; Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, p.182.

(4)"Quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa pela outra. O que parece ser renúncia é, na realidade, a formação de um substitutivo ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada". FREUD, S.: "Der Dichter und das Phantasieren" (1908 a), G.W., Bd.VII, S.215; Ed. Standard Brasileira, vol.IX, p. 151.

(5)"Pois uma psicanálise não é uma investigação científica imparcial, mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas simplesmente alterar alguma coisa". FREUD, S.: (Der Kleine Hans) "Analyse eines Fünf Jährigen Knaben" (1909 b), G.W., Bd.VII, S.339; Ed. Standard Brasileira, vol.X, p.112.

(6)"Se nos perguntarmos por quais métodos e meios esse resultado é alcançado, não será fácil achar uma resposta. Podemos apenas dizer: 'Temos de chamar a feiticeira em nosso auxílio, afinal de contas' - (Fausto, Parte I, Cena 4) A feiticeira (chamada) metapsicologia. Sem qualquer especulação metapsicológica e sua teorização - quase eu teria dito: (sem) fantasiar - não se avança aqui nenhum pas

so". FREUD, S.: "Die Endliche und die Unendliche Analyse" (1937 c), G.W., Bd. XVI, S.69; Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, p. 257.

(7) "A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. FREUD, S.: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1933 a), G.W., Bd. XV, S.101; Edição Brasileira, vol. XXII, p.119.

(8) "Como é bem sabido, a situação analítica consiste em nos aliarmos com o ego da pessoa em tratamento, a fim de submeter partes de seu id que não estão controladas, o que equivale a dizer, incluí-las na síntese de seu ego. O fato de uma cooperação desse tipo habitualmente fracassar no caso dos psicóticos (...). O ego, se com ele quisermos poder efetuar um pacto desse tipo, deve ser um ego normal. Mas um ego normal dessa espécie é, como a normalidade em geral, uma ficção ideal". FREUD, S.: "Die Endliche und die Unendliche Analyse" (1937 c), G.W., Bd. XVI, S.80; Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, p.268.

(9) "O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia. Uma parte do instinto de morte, contudo, continua atuante dentro do organismo, e temos procurado atribuir numerosos fenômenos normais e patológicos a essa internalização do instinto de destruição. Como temos, inclusive, a heresia de atribuir a origem da consciência (moral) a esse desvio da agressividade para dentro. O senhor perceberá que não é absolutamente irrelevante se esse processo vai longe demais: é positivamente insano. Por outro lado, se essas forças se voltam para a destruição do mundo externo, o organismo se aliviará e o efeito deve ser benéfico. Isto serviria de justificação biológica para todos os impulsos condenáveis e perigosos contra os quais lutamos. Deve-se admitir que eles se situam mais perto da natureza do que nossa resistência (contra elas), para a qual também é necessário encontrar uma explicação. Talvez ao senhor possa parecer serem nossas teorias uma espécie de mito-

logia e, no caso presente, mitologia nada agradável. Todas as ciências, porém, não chegam, afinal, a uma espécie de mitologia como esta? Não se pode dizer o mesmo, atualmente, a respeito de sua física?". FREUD, S.: "Warum Krieg?" (1933 b), G.W., Bd. XVI, S.22; Ed. Standard Brasileira, vol. XXII, p.254.

(10) Carta de 15.10.1895: "Habe ich Dir das Grosse Geheimnis schon mündlich oder schriftlich mitgeteilt? Die Hysterie ist die Folge eines präsexuellen Sexualchrecks. Die Zwangeneurose ist die Folge einer präsexuellen Sexuallust, die sich später in Vorwurf verwandelt". Carta de 16.10.1895: "Darüber habe ich eine Art matter Freude, et was 40 Jahre doch nicht umsonst gelebt zu haben (...)". FREUD, S.: Aus den Anfängen der Psychoanalyse, Frankfurt a.M. 1975, S.113-4. As cartas em questão são as escritas a W. Fliess.

(11) Carta de 21.09.1897: "Und nun will ich Dir sofort das ganze Geheimnis anvertrauen, das mir in den letzten Monaten langsam gedämmert hat. Ich glaube an meine Neurotica nicht mehr(...)". A.a.O., 186-7

(12) "Quando, contudo, fui finalmente obrigado a reconhecer que essas cenas de sedução jamais tinham ocorrido e que eram apenas fantasias que minhas pacientes haviam inventado, ou que eu próprio talvez houvesse forçado nelas, fiquei por algum tempo inteiramente perplexo (...). Quando me havia refeito, fui capaz de tirar as conclusões certas de minha descoberta: a saber, que os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material. Mesmo agora não creio que forcei as fantasias de sedução aos meus pacientes, que as 'sugeri'. Eu tinha de fato tropeçado pela primeira vez no complexo de Édipo, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia." FREUD, S.: Selbstdarstellung (1925 d), G.W., Bd. XIV, S.59-60; Ed. Standard Brasileira, vol. XX, p.47-8.

(13) "Aqueles críticos, que limitam seus estudos a investigações metodológicas são parecidos aos que limpam continuamente seus óculos, em vez de os pôr e com eles olhar para as coisas". Essa observação de Freud atinge, de acordo com Th.Reik, os positivistas do Círculo de Vienna. ROAZEN, P.: Politik und Gesellschaft bei Sigmund Freud, Frankfurt a.M. 1971, S.117.

(14) "Tenho pronta uma resposta, a qual sei que lhes parecerá audaciosa. Acredito que essas fantasias primitivas, como prefiro denominá-las e, sem dúvida, também alguma outra, constituem um acervo filogenético. Nelas, o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiada rudimentar. Parece-nos possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia - sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) - foram, em determinada época, ocorrências reais nos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica. Repetidamente tenho sido levado a suspeitar que a psicologia das neuroses têm acumuladas em si mais antiguidades da evolução humana do que qualquer outra fonte". FREUD, S.: 'Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1916-17)', G.W., Bd.XI, S.386; Ed.Standard Brasileira, vol.XVI, p.433.

(15) "O poder do id expressa o verdadeiro propósito da vida do organismo do indivíduo. Isto consiste na satisfação de suas necessidades inatas. Nenhum intuito como o de manter-se vivo ou proteger-se dos perigos por meio da ansiedade pode ser atribuído ao id. Essa é a tarefa do ego, cuja missão é também descobrir o método mais favorável e menos perigoso de obter satisfação, levando em conta o mundo externo. O superego pode colocar novas necessidades em evidência, mas sua função principal permanece sendo a limitação das satisfações". FREUD, S.: Abriss der Psychoanalyse (1940 a), G.W., Bd.XVII, S.70; Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, p.173.

